

Que falta faz a sesta

Jovem e amante de aventuras, o segundo-tenente Winston Churchill conseguiu autorização para acompanhar uma coluna do exército espanhol durante a guerra de Cuba. O que espantou o futuro primeiro-ministro foi que a coluna, mesmo sabendo que os guerrilheiros poderiam estar por perto, religiosamente fazia a sesta, prolongada. Manchester, na sua biografia de Churchill, diz que o segundo-tenente aprendeu então lição que lhe permitiria, décadas depois, conduzir a guerra, fazendo de um dia, dois. Em sua história da Segunda Guerra, Churchill recomenda que se durma pelo menos uma hora depois do almoço — e o mais perto possível do fim da refeição. Pelo que se pode ler nos jornais, o presidente Fernando Henrique Cardoso não está fazendo a sesta. O resultado é que anda estafado, embora ninguém o diga.

O pito que o chefe do governo passou naqueles que conversavam enquanto ele falava na posse do ministro extraordinário da Reforma Agrária é indicativo disso. Posso dizê-lo de ciência própria: ou é estafa ou é pressão alta. O normal seria o orador, sentindo-se incomodado com o burburinho, parar de falar — e, sendo o presidente, o auditório perceberia imediatamente que alguma coisa estava acontecendo de errado e não mais murmuraria. Ao preferir o pito ao silêncio, o presidente necessitou desabafar — com tanto azar, do ponto de vista do protocolo, que se fez questão de, na degravação, transcrever o desabafo.

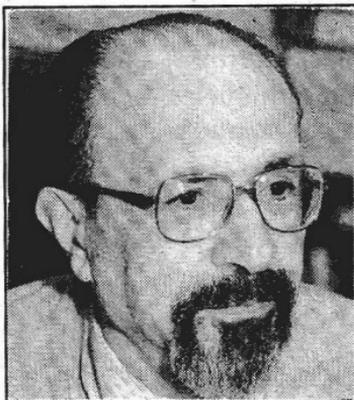
Por não fazer a sesta e estender seu dia de trabalho até altas horas da noite, o presidente desaprendeu a lição maior dos mineiros, que é nunca passar recibo. Na posse do ministro da Reforma Agrária, o chefe do governo deixou claro que o desabafo do presidente do Supremo Tribunal Federal (que respondia a uma crítica de d. Ruth Cardoso ao Judiciário) o havia ferido. Teve o cuidado de não deixar explícito que estava reagindo ao que o ministro Sepúlveda Pertence dissera, mas os bons en-

tendedores que estavam na sala entenderam a mensagem. O ministro-presidente havia dito que faltava vontade política ao Executivo para fazer a reforma agrária, pois se a tivesse, editaria medidas provisórias. O presidente Fernando Henrique Cardoso disse que o "Poder Constitucional" não lhe permitia mudar leis complementares por medidas provisórias — dando assim, a seu ver, uma lição de Direito Constitucional ao presidente do Supremo. Coisas de quem não faz a sesta e no mesmo dia profere dois enormes discursos, cuja transcrição tomou uma página do **Estado**, os textos compostos em letras muito pequenas. O pior não foi devolver a estocada do ministro Pertence. O pior foi admitir clara e lisa-

mente que o governo não tem sustentação política para fazer a reforma agrária.

O presidente, ainda respondendo a Pertence, foi muito claro: "O governo não terá dúvidas, quando for legítimo, inclusive de tomar as decisões, sob forma de medida provisória, desde que tenha sustentação política." Livre-nos, o Senhor, dessa tentação de deixar a fala correr solta. Nessa pequena frase, que se afirma? Em primeiro lugar, responde-se ao chefe do Judiciário que vontade política não

falta ao presidente da República. Em segundo, que o presidente editará medidas provisórias quando "for legítimo". Em terceiro lugar, que o Executivo não tem apoio político para fazer a reforma agrária. Não tem apoio político, mas cria um ministério extraordinário para fazê-la! Mais grave ainda, ao dizer que não tem apoio político e que o Poder Constitucional impõe ritmo lento às coisas, e que o Congresso (onde deve estar a sustentação política) também não decide, lança a dúvida em todos nós: é a falta de sesta que leva o presidente a fazer esse tipo de observação, ou é o desejo de dizer que o presidente é progressista e o Congresso não? Quando era jovem e pregava a reforma agrária, o presidente deve ter julgado essa última posição correta, sabendo onde levava... Saberá agora?



■ Oliveiros S. Ferreira é diretor do "Estado"

O presidente Fernando Henrique anda estafado, embora ninguém o diga

03 MAI 1996